

SUMÁRIO

AOS PROFESSORES	7
APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	9
APRESENTAÇÃO	19
CAPÍTULO I UM PADRE, UM ROMANCISTA E TRÊS FILÓSOFOS: OS CONTORNOS DA AUTORIDADE	33
1. O professor e a palavra	47
2. O ensino como ato comum	59
3. Autoridade, liberdade, democracia	72
CAPÍTULO II A AUTORIDADE INTERROGADA: A RÉPLICA DAS NOVAS GERAÇÕES	81
1. Juventude, violência e escola	87
2. Indisciplina e (contra)normatividade escolar	101
CAPÍTULO III O PRESENTE EDUCACIONAL E AS TRANSFIGURAÇÕES DO <i>ÉTHOS</i> DOCENTE	111
1. A <i>governamentalidade</i> como hipótese analítica	115
2. O fulgor dos processos de <i>governamentalização</i> educacional	125
3. Aquém e além dos muros da escola	133
CAPÍTULO IV A AMIZADE INTELECTUAL: APROXIMAÇÕES	155
1. O desgoverno da liberdade	161
2. A dignidade da amizade	170
3. A amizade como princípio da ação docente	179
REFERÊNCIAS	187

AOS PROFESSORES

A **Cortez Editora** tem a satisfação de trazer ao público brasileiro, particularmente aos estudantes e profissionais da área educacional, a **Coleção Docência em Formação**, destinada a subsidiar a formação inicial de professores e a formação contínua daqueles que estão em exercício da docência.

Resultado de reflexões, pesquisas e experiências de vários professores especialistas de todo o Brasil, a Coleção propõe uma integração entre a produção acadêmica e o trabalho nas escolas. Configura um projeto inédito no mercado editorial brasileiro por abarcar a formação de professores para todos os níveis de escolaridade: **Educação Básica** (incluindo a **Educação Infantil**, o **Ensino Fundamental** e o **Ensino Médio**), a **Educação Superior**, a **Educação de Jovens e Adultos** e a **Educação Profissional**. Completa essa formação com os Saberes Pedagógicos.

Com mais de 30 anos de experiência e reconhecimento, a Cortez Editora é uma referência no Brasil, nos demais países latino-americanos e em Portugal por causa da coerência de sua linha editorial e da atualidade dos temas que publica, especialmente na área da Educação, entre outras. É com orgulho e satisfação que lança a **Coleção Docência em Formação**, pois estamos convencidos de que se constitui em novo e valioso impulso e colaboração ao pensamento pedagógico e à valorização do trabalho dos professores na direção de uma escola melhor e mais comprometida com a mudança social.

José Xavier Cortez
Editor

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A Coleção **Docência em Formação** tem por objetivo oferecer aos professores em processo de formação e aos que já atuam como profissionais da Educação subsídios formativos que levem em conta as novas diretrizes curriculares, buscando atender, de modo criativo e crítico, às transformações introduzidas no sistema nacional de ensino pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. Sem desconhecer a importância desse documento como referência legal, a proposta desta Coleção identifica seus avanços e seus recuos e assume como compromisso maior buscar uma efetiva interferência na realidade educacional por meio do processo de ensino e de aprendizagem, núcleo básico do trabalho docente. Seu propósito é, pois, fornecer aos docentes e alunos das diversas modalidades dos cursos de formação de professores (licenciaturas) e aos docentes em exercício, livros de referência para sua preparação científica, técnica e pedagógica. Os livros contêm subsídios formativos relacionados ao campo dos saberes pedagógicos, bem como ao campo dos saberes relacionados aos conhecimentos especializados das áreas de formação profissional.

A proposta da Coleção parte de uma concepção orgânica e intencional de educação e de formação de seus profissionais, e com clareza do que se pretende formar para atuar no contexto da sociedade brasileira contemporânea, marcada por determinações históricas específicas.

Como bem mostram estudos e pesquisas recentes na área, os professores são profissionais essenciais nos processos de mudanças das sociedades. Se forem deixados à margem, as decisões pedagógicas e curriculares alheias, por mais interessantes que possam parecer, não se efetivam, não gerando efeitos sobre o social. Por isso, é preciso investir na formação e no desenvolvimento profissional dos professores.

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios de informação e comunicação incidem com bastante força na escola, aumentando os desafios para torná-la uma conquista democrática efetiva. Transformar as escolas em suas práticas e culturas tradicionais e burocráticas que, por intermédio da retenção e da evasão, acentuam a exclusão social, não é tarefa simples nem para poucos. O desafio é educar as crianças e os jovens propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para fazer frente às exigências do mundo contemporâneo. Tal objetivo exige esforço constante do coletivo da escola – diretores, professores, funcionários e pais de alunos – dos sindicatos, dos governantes e de outros grupos sociais organizados.

Não se ignora que esse desafio precisa ser prioritariamente enfrentado no campo das políticas públicas. Todavia, não é menos certo que os professores são profissionais essenciais na construção dessa nova escola. Nas últimas décadas, diferentes países realizaram grandes investimentos na área da

formação e desenvolvimento profissional de professores visando essa finalidade. Os professores contribuem com seus saberes, seus valores, suas experiências nessa complexa tarefa de melhorar a qualidade social da escolarização.

Entendendo que a democratização do ensino passa pelos professores, por sua formação, por sua valorização profissional e por suas condições de trabalho, pesquisadores têm apontado para a importância do investimento no seu desenvolvimento profissional, que envolve formação inicial e continuada, articulada a um processo de valorização identitária e profissional dos professores. Identidade que é *epistemológica*, ou seja, que reconhece a docência como um *campo de conhecimentos específicos* configurados em quatro grandes conjuntos, a saber:

1. conteúdos das diversas áreas do saber e do ensino, ou seja, das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes;
2. conteúdos didático-pedagógicos, diretamente relacionados ao campo da prática profissional;
3. conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos do campo teórico da educação;
4. conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana individual, com sensibilidade pessoal e social.

Vale ressaltar que identidade que é *profissional*, ou seja, a docência, constitui um campo específico de intervenção profissional na prática social. E, como tal, ele deve ser valorizado em seus salários e demais condições de exercício nas escolas.

O desenvolvimento profissional dos professores tem se constituído em objetivo de propostas educacionais que valorizam a sua formação não mais fundamentada na racionalidade técnica, que os considera como meros executores de decisões alheias, mas em uma perspectiva que reconhece sua capacidade de decidir. Ao confrontar suas ações cotidianas com as produções teóricas, impõe-se rever suas práticas e as teorias que as informam, pesquisando a prática e produzindo novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar. Assim, as transformações das práticas docentes só se efetivam à medida que o professor *amplia sua consciência sobre a própria prática*, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade. Tais propostas enfatizam que os professores colaboram para transformar as escolas em termos de gestão, currículos, organização, projetos educacionais, formas de trabalho pedagógico. Reformas gestadas nas instituições, sem tomar os professores como parceiros/autores, não transformam a escola na direção da qualidade social. Em consequência, *valorizar o trabalho docente significa dotar os professores de perspectivas de análise que os ajudem a compreender os contextos histórico, sociais, culturais, organizacionais nos quais se dá sua atividade docente*.

Na sociedade brasileira contemporânea, novas exigências estão postas ao trabalho dos professores. No colapso das antigas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instâncias sociais; que respondam à necessidade de afeto dos alunos; que resolvam os problemas da violência, das drogas e da indisciplina; que preparem melhor

os alunos nos conteúdos das matemáticas, das ciências e da tecnologia tendo em vista colocá-los em melhores condições para enfrentarem a competitividade; que restaurem a importância dos conhecimentos na perda de credibilidade das certezas científicas; que sejam os regeneradores das culturas/identidades perdidas com as desigualdades/diferenças culturais; que gestionem as escolas com economia cada vez mais frugal; que trabalhem coletivamente em escolas com horários cada vez mais fragmentados. Em que pese a importância dessas demandas, não se pode exigir que os professores individualmente considerados façam frente a elas. Espera-se, sim, que coletivamente apontem caminhos institucionais ao seu enfrentamento.

É nesse contexto complexo, contraditório, carregado de conflitos de valor e de interpretações, que se faz necessário ressignificar a identidade do professor. O ensino, atividade característica do professor, é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige opções éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade da experiência, indagação teórica e criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, das situações de ensino, nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos na sociedade.

Problematizando e analisando as situações da prática social de ensinar, o professor incorpora o conhecimento elaborado, das ciências, das artes, da filosofia, da pedagogia e das ciências da educação, como ferramentas para a compreensão e proposição do real.

A Coleção investe, pois, na perspectiva que valoriza a capacidade de decidir dos professores. Assim, discutir os temas que perpassam seu cotidiano nas escolas – projeto pedagógico, autonomia, identidade e profissionalidade dos professores, violência, cultura, religiosidade, a importância do conhecimento e da informação na sociedade contemporânea, a ação coletiva e interdisciplinar, as questões de gênero, o papel do sindicato na formação, entre outros –, articulados aos contextos institucionais, às políticas públicas e confrontados com experiências de outros contextos escolares e com as teorias, é o caminho a que a Coleção **Docência em Formação** se propõe.

Os livros que a compõem apresentam um tratamento teórico-metodológico pautado em três premissas: há uma estreita vinculação entre os conteúdos científicos e os pedagógicos; o conhecimento se produz de forma construtiva e existe uma íntima articulação entre teoria e prática.

Assim, de um lado, impõe-se considerar que a atividade profissional de todo professor possui uma natureza pedagógica, isto é, vincula-se a objetivos educativos de formação humana e a processos metodológicos e organizacionais de transmissão e apropriação de saberes e modos de ação. O trabalho docente está impregnado de intencionalidade, pois

visa a formação humana por meio de conteúdos e habilidades de pensamento e ação, implicando escolhas, valores, compromissos éticos. O que significa introduzir objetivos explícitos de natureza conceitual, procedimental e valorativa em relação aos conteúdos da matéria que se ensina; transformar o saber científico ou tecnológico em conteúdos formativos; selecionar e organizar conteúdos de acordo com critérios lógicos e psicológicos em função das características dos alunos e das finalidades do ensino; utilizar métodos e procedimentos de ensino específicos inserindo-se em uma estrutura organizacional em que participa das decisões e das ações coletivas. Por isso, para ensinar, o professor necessita de conhecimentos e práticas que ultrapassem o campo de sua especialidade.

De outro ponto de vista, é preciso levar em conta que todo conteúdo de saber é resultado de um processo de construção de conhecimento. Por isso, dominar conhecimentos não se refere apenas à apropriação de dados objetivos pré-elaborados, produtos prontos do saber acumulado. Mais do que dominar os produtos, interessa que os alunos compreendam que estes são resultantes de um processo de investigação humana. Assim, trabalhar o conhecimento no processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos. Significa explicitar os nexos entre a atividade de pesquisa e seus resultados, portanto, instrumentalizar os alunos no próprio processo de pesquisar.

Na formação de professores, os currículos devem configurar a pesquisa como *princípio cognitivo*, investigando com os alunos a realidade escolar, desenvolvendo neles essa atitude investigativa em suas atividades profissionais e assim configurando a pesquisa também como *princípio formativo* na docência.

Além disso, é no âmbito do processo educativo que mais íntima se afirma a relação entre a teoria e a prática. Em sua essência, a educação é uma prática, mas uma prática intrinsecamente intencionalizada pela teoria. Decorre dessa condição a atribuição de um lugar central ao estágio, no processo da formação do professor. Entendendo que o estágio é constituinte de todas as disciplinas percorrendo o processo formativo desde seu início, os livros da Coleção sugerem várias modalidades de articulação direta com as escolas e demais instâncias nas quais os professores atuarão, apresentando formas de estudo, análise e problematização dos saberes nelas praticados. O estágio também pode ser realizado como espaço de projetos interdisciplinares, ampliando a compreensão e o conhecimento da realidade profissional de ensinar. As experiências docentes dos alunos que já atuam no magistério, como também daqueles que participam da formação continuada, devem ser valorizadas como referências importantes para serem discutidas e refletidas nas aulas.

Considerando que a relação entre as instituições formadoras e as escolas pode se constituir em espaço de formação contínua para os professores das escolas assim como para os formadores, os livros sugerem a realização de projetos conjuntos entre ambas. Essa

relação com o campo profissional poderá propiciar ao aluno em formação oportunidade para rever e aprimorar sua escolha pelo magistério.

Para subsidiar a formação inicial e continuada dos professores onde quer que se realizem: nos cursos de licenciatura, de pedagogia e de pós-graduação, em universidades, faculdades isoladas, centros universitários e Ensino Médio, a Coleção está estruturada nas seguintes séries:

Educação Infantil: profissionais de creche e pré-escola.

Ensino Fundamental: professores do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano.

Ensino Médio: professores do Ensino Médio.

Ensino Superior: professores do Ensino Superior.

Educação Profissional: professores do Ensino Médio e Superior Profissional.

Educação de Jovens e Adultos: professores de jovens e adultos em cursos especiais.

Saberes pedagógicos e formação de professores.

Em síntese, a elaboração dos livros da Coleção pauta-se nas seguintes perspectivas: investir no conceito de *desenvolvimento profissional*, superando a visão dicotômica de formação inicial e de formação

continuada; investir em sólida formação teórica nos campos que constituem os saberes da docência; considerar a formação voltada para a profissionalidade docente e para a construção da identidade de professor; tomar a pesquisa como componente essencial da/na formação; considerar a prática social concreta da educação como objeto de reflexão/formação ao longo do processo formativo; assumir a visão de totalidade do processo escolar/educacional em sua inserção no contexto sociocultural; valorizar a docência como atividade intelectual, crítica e reflexiva; considerar a ética como fator fundamental na formação e na atuação docente.

São Paulo, 21 de fevereiro de 2012
Selma Garrido Pimenta
Coordenadora

Apresentação

Apresentação

Bem antes de se alinhar à longa fila de publicações sobre a autoridade docente, este é um livro-testemunho. Testemunho porque as ideias nele dispostas findam por se mesclar por completo com a existência de seu autor: um homem dobrado sobre si mesmo, guerrendo contra aquilo que já não pensa, ou melhor, que pensa não mais pensar, mesmo sem ter o domínio exato daquilo que, com o passar do tempo, passou a pensar. Testemunho, portanto, não de um pretenso *expert*, *bien-pensant* ou coisa que o valha, mas de um professor-pesquisador que, longe do conforto e da segurança de uma experiência cumulativa, vê-se cada vez mais atravessado por hesitações crescentes, sobretudo quando estão em pauta os quebradiços contornos do *éthos* docente, ponto de mira da presente publicação.

Seu *corpus* textual nutre-se de um conjunto de fragmentos escriturais já veiculados, em sua maioria, em outros tempos e lugares, principalmente na tese de livre-docência (Aquino, 2009) por mim defendida cinco anos atrás na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Ao promover a nova cosedura de tais fragmentos, tornou-se necessário reconstruir toda a lógica interna do texto, a fim de que fosse alcançado um arranjo argumentativo mais condizente com o formato editorial específico de um livro. Daí que, por várias vezes, fui forçado a usurpar o anacronismo dos escritos pregressos, a operar

articulações limítrofes, a tentar ludibriar a afasia que eles não foram, nem antes, nem agora, capazes de evitar.

O universo de fontes ao qual as ideias se reportam ou que nele se fundam compreende, além de um arco de referências teóricas selecionadas, algumas obras cinematográficas e literárias, estas tomadas como disparadores potencialmente fecundos para os propósitos analíticos em causa. O resultado, espera-se, é uma trama de discussões que almeja oferecer uma mirada caleidoscópica sobre o espírito da época acerca do pensar e do agir docentes, bem como forjar um solo vitalista para os modos de vida que aí teimarão, de um modo ou de outro, em pedir passagem.

Como o subtítulo do livro tenciona antecipar, tratou-se de forjar uma plataforma para o *éthos* docente na atualidade. A propósito, o léxico define o vocábulo “plataforma” de variadas maneiras, não coincidentes, inclusive. Entre elas, algumas são de particular interesse: estrado nas extremidades de veículos por onde entram e saem passageiros e cargas; rampa de lançamento de projéteis; programa político anunciado por candidato a cargo eletivo; espécie de terraço; tipo de solado de calçados; construção militar sobre a qual se assentam canhões etc.

Se tomadas literalmente, todas as definições anteriores poderiam ser consideradas mais ou menos afeitas ao que aqui está em jogo. As proposições ofertadas podem facilitar o trânsito do leitor, seja na entrada em determinadas problematizações, seja no abandono definitivo delas; podem projetá-lo a paragens não conhecidas, ou tão somente servir de apoio à retomada de modos já idos de pensar; podem guerrear

contra formas consagradas de agir ou, ao contrário, forjar acontecimentos sem caracterização precisa; podem, enfim, ser um lugar gerador, de descanso, de conservação ou, então, de expropriação; ainda, de nenhum deles. Seja o que se fizer com o que se propõe nas páginas seguintes, o desfecho restar-me-á sempre incógnito – prerrogativa de quem lê, sentença de quem escreve.

Entretanto, se o objetivo exclusivo do ato público de pensar, por meio de um tipo de escrita como o que se oferece, é, em última instância, o da crítica radical sobre aquilo que temos nos tornado e feito tornar, que este livro possa, então, ser apropriado como ocasião de interpelação inclemente do presente educacional e, na medida do possível, de uma reinvenção entusiasmada do que ali se passa.

* * *

Dos docentes das universidades públicas em regime de dedicação exclusiva (como no meu caso), é exigido um esforço polivalente: pesquisa; docência de graduação e de pós-graduação; prestação de serviços; publicação; gestão universitária; orientação e julgamento de trabalhos acadêmicos, participação em eventos de diferentes naturezas etc.

É certo, contudo, que, para cada uma de tais tarefas, destrezas específicas são requeridas e nem sempre efetivadas extensa ou integralmente, quer por impossibilidade real de tempo, quer por limitação pessoal. Destrezas que, sem dúvida, requerem destacadas tenacidade e racionalização do empenho profissional,

a despeito do excesso que lhe é inerente. Soma-se a isso o fato de que, além de tais atribuições imediatamente previstas, espera-se dos docentes universitários o cumprimento de um intrincado dever social e político que, amiúde, as condições conjunturais findam por nublar quase inteiramente: ser um “pensador” do presente.

No caso do campo pedagógico, é patente a demanda (legítima, em alguma medida, mas quase sempre impraticável) de que novos caminhos sejam deflagrados, desde a universidade, para as práticas educativas em curso, sobretudo aquelas da seara da escola básica, com vistas a redimir o ensino nacional de suas agruras constitutivas, a partir de seu exterior. Demanda arriscada e fadada ao fracasso, convenhamos.

Demanda impraticável não é sinônimo, contudo, de esforço irrealizável. Queiramos ou não, torna-se inevitável, mais cedo ou mais tarde, certa acareação entre a esfera das ideias pedagógicas e a empiria escolar, tratando-se de um patamar do trabalho universitário a que pouquíssimos docentes-pesquisadores conseguem acessar. Uma conquista, portanto, que não depende exclusivamente da boa vontade dos acadêmicos, mas, entre outros fatores, de seu grau de afinação em relação aos ditames concretos das práticas escolares. Ou o contrário absoluto disso, quando se trata de ultrapassar os clamores da época em favor de novos horizontes para o pensar e o agir. É o que se pretende aqui, devo esclarecer.

Além da incerteza de tal empreitada, é preciso nutrir, quer-me parecer, certa desconfiança em relação

à atitude voluntarista que os docentes universitários são convocados a ter quando se trata de retribuir serviços à sociedade, de cumprir sua conclamada função social. Ater-se às suas funções historicamente preconizadas representa, creio, o limite desejável e seguro de tal retribuição.

Se, por um lado, o clássico tripé docência/pesquisa/extensão parece não esgotar as demandas do trabalho universitário, por outro, a mais instável e, por consequência, mais laboriosa de todas as atribuições aí em voga parece ser a escrita, compreendida aqui como a função pública *par excellence* do agir acadêmico, sua quintessência.

A produção escrita despontaria, assim, como o divisor de águas das práticas levadas a cabo na universidade. Por meio dela, galgar-se-ia o mais alto patamar dos fazeres docentes – o que é justificável apenas em parte. Isso porque o famigerado *publish or perish* pode ser letal quando está em causa um exercício delicado e moroso como é o de um pensamento não tarefeiro, não utilitarista, não apegado a grandiloquências descartáveis, não contingenciado pela celeridade dos tempos atuais.

Daí minha predileção pelos livros, sua textura, sua inteireza, sua potência anônima e inesgotável. Vê-los envelhecer conosco é um indicador sereno não apenas do que se viveu, mas, sobretudo, do modo como o fizemos, dos tantos reveses que aí se sucederam. “Mostra-me tua lavra e eu te direi quem foste”, alguém haveria de dizer. Melhor seria reconhecer que a lavra de alguém é mostra de quem ele deixou de ser.

Ergue-se, assim, um desconforto agudo ao deparar-me com o que escrevi, pois sou obrigado a me reconhecer e, logo em seguida, a me desconhecer na escritura agora petrificada, impassível, alijada do traço de rasura que a constituiu. A criatura que, mesmo inacabada, se libertou prematuramente de seu feitor, não sem rancor, não sem mesquinhez. Às vezes Prometeu, às vezes Frankenstein, nunca Julio – essa ilusão amiúde incômoda.

Mesmo perpassado por tal inquietude sem trégua, a qual me força a identificar nos escritos pregressos algo mais da ordem do dejetivo do que da transcendência, trago a convicção de que residiria em uma oferta deste tipo a resposta certa ao que se demanda de um docente universitário: textos, apenas. Textos honestos. Textos pulsantes, quiçá.

Para tanto, longe de tomar a escrita de um professor como uma operação demiúrgica, anunciadora de horizontes tão mirabolantes quanto estapafúrdios (como sói acontecer), trata-se de exercê-la precisamente como um modo de vida que nada almeja senão, como Foucault bem o precisou certa vez, a recalci-trância do querer e a intransigência da liberdade.

A peculiaridade de tal modo de escrita residiria no fato de ela se projetar em um tempo por vir, distintamente da urgência do tablado da sala de aula, dos rogos comezinhos do presente que aí pedem voz e passagem. Uma prática viciosa, sempre inaugural e ao mesmo tempo vitalícia, da qual nunca se esquiva por completo e que ignora sua razão de ser na quase totalidade do tempo. Daí a exigência constante de ultrapassagem de si por parte do professor que escreve,

desde que tome a si próprio como nada além de um amontoado de carne, ossos e alguma coragem – a matéria única de que, afinal, todos somos feitos.

À deriva do indizível, desafiando experiências partilhadas, forjando dissensos, o professor-escritor terá de se haver com um desapego desmedido: aquele de oferecer-se como eco de mundos que ainda não existem, em favor da irrupção de forças informes, germinais e sempre à espreita. Trata-se da regra capital de um jogo sem cartas marcadas com um tipo não especificado de leitor, tomado como uma potência informe ou, mais especificamente, um parceiro ainda por vir. Uma aventura demasiado solitária, contudo.

Nos intervalos abertos por esse tipo de escrita, há invariavelmente um acalorado e íntimo pedido de amizade intelectual, de adesão a um mundo novo que se esforça para ganhar estatuto de existência. A escrita de um professor clama, pois, por encontro, a fim de ludibriar a solidão congênita daquele que a ela se entrega. Encontro que só se efetiva com e pelo outro, não obstante anônimo, rarefeito, sempre tardio e jamais presente.

* * *

Iniciei meu percurso como professor universitário no final dos anos 1980, há mais de 25 anos; a maior parte deles vivida em salas de aula destinadas à formação inicial de professores. É desse lugar tão rebatido quanto insuspeito que me pronuncio. E não posso fazê-lo diferentemente.

Lugar acossado pela virulência das rotinas venenosas do pensar e do agir que tanto nos petrificam, rivais implacáveis que são das exíguas chances de que dispomos para fazer girar a grande engrenagem da vida que se abriga também nas salas de aula. Lugar em vertiginosa desertificação, que nos obriga a ter de vergar suas linhas rígidas a fim de que, talvez assim, se possam germinar acontecimentos inesperados exatamente lá onde se supunha nada haver além de esgotamento. Lugar apinhado de corpos jovens, conquanto estranhamente *destonificados*, entediados de véspera.

Tédio de manada, de tripulação, de freguesia. Tédio de quem pouco espera da instituição escolar, à qual dedicaram a quase totalidade de suas vidas e da qual subtraíram pouco além de uma sensação difusa de ludíbrio. Tédio de quem não conheceu nem o embaraço, nem o arrebatamento causados por certas ideias, por meio das quais as novas gerações talvez tivessem a oportunidade de se apoderar de sua breve passagem pelo mundo. Dificilmente o farão, admitamos. Aqui e acolá, algum alento há, mas quase sempre em estado germinal e, logo, em dissipação.

Eles chegam às centenas, dos mais variados destinos. E vêm como que blindados à possibilidade de uma experiência diversa da que já dispõem. O que portam em comum é a rara ou nenhuma aspiração ao ofício docente. Por que, então, prosseguem o périplo formativo? Por inércia, em princípio. Por imposição burocrática, sem dúvida. Em nome de uma alternativa profissional casuística no futuro, na maioria das vezes.

Estão lá, os alunos, lado a lado e a contragosto. Melhor dizendo, encarnam uma espécie de sina contraída

no rito de passagem do vestibular. Ao derrotá-lo, não conquistaram libertação de nenhuma ordem, mas apenas novos encarceramentos, descobrirão mais tarde; razão pela qual, talvez, tenham se tornado transeuntes afoitos, que nem sequer desconfiam do que poderão vir a ser. Se virão, ou não, a sê-lo, só o tempo e as circunstâncias dirão. E o dirão, de qualquer modo.

Com efeito, a singularidade da experiência formativa daqueles futuros professores reside no fato de que algo aí se passa de modo distinto de outras áreas de habilitação profissional, nas quais as aulas definem-se mais como um mirante por meio do qual se faz professor certo objeto de conhecimento alhures. Isto é, procede-se a fim de que determinado domínio discursivo particular se ponha em movimento a partir da narrativa do professor, esta baseada na promessa de (re)apropriação de algo abstrato, alhures e sempre ausente. Uma relação de nítida exterioridade, portanto.

Quando se trata do âmbito da formação inicial docente, a sala de aula converte-se, ao contrário, em figura e, ao mesmo tempo, fundo do mundo ali anunciado; mundo composto de objetos sempre contingentes, não obstante disformes, íngremes e, no limite, evanescentes. Nesse tipo de encontro, professores e alunos encontram-se encharcados pela concretude daquilo que os faz ser quem são e quem porventura serão – esse acontecimento artesanal, sem ontem, nem amanhã, que é a docência. Daí as interrogações constantes do campo, seu caráter inexoravelmente aberto, inconcluso, laboratorial.

Absolutamente alheios a isso, os alunos chegam aos poucos. Arrastam-se até a porta da sala de aula,

como que a postergar sua entrada o máximo possível. Uma vez nela, farejam, divisam, perscrutam a atmosfera ali reinante. Só os sentidos restam-lhes confiáveis nessa altura. A rendição ao lugar de aluno exigiria um *quantum* de confiança de que eles, definitivamente, não mais dispõem de antemão. Será preciso recobrá-la aos poucos. Uma tarefa custosa, mas não de todo impossível.

Na travessia do tempo, uma senha secreta torna-se, então, a chave-mestra para a transposição do existir docente, e poucos a conhecem: furtar a jovialidade dos alunos; apossar-se de sua gana por novidade; sorver a seiva da vida que lá se insinua irrefletidamente; vampirizá-los, enfim.

Mas nem só de astúcia e de desapego constitui-se a rotina de um professor. Há momentos trevosos, quando escasseia o fôlego, quando a espessura do encontro é ofuscada pelo desalento, quando os sobressaltos convertem-se em exasperação, quando o acaso resolve nos chicotear, fazendo-nos provar seu fel; momentos em que a confiança em relação à potência dos encontros é eclipsada pela espera de um porvir mingado ou pelo esgotamento proporcionado pelo ido.

Mostra indubitável disso são (afirmo-o por conta e prejuízo próprios) os reinícios dos semestres letivos. A cada novo recomeço, arrefece-se a prontidão para que meu espírito esteja a postos, para que ele entre em formação. Ocasão de puro tormento, mas também de alguma alegria. Tormento porque a experiência anterior de nada nos serve, já que os mais novos subvertem quase tudo que supúnhamos saber sobre o ofício. Eles são passageiros dispersos, sempre desatentos, que

usurpam sem piedade o que levamos uma existência inteira para construir. Daí, estranhamente, uma sensação de alegria. Sem sabê-lo, os alunos condenam-nos a ter de nos deslocar sempre e sempre. Monotonia ali não há, tampouco pacificação do espírito.

Hoje bem o sei que, quanto mais se avança na idade, menos disposição parece haver para habitar o desterro que esse excêntrico vício decreta. E é aí que desponta seu avesso: o hábito. Pelo fato de que a docência demanda uma vitalidade constante, muitos tombam pelo caminho, ludibriados pelo sonho de uma existência rotineira e pacífica em sala de aula, quando tudo o que ela requer são extravagâncias. Ideal se se tratasse de uma ocupação intermitente, da qual se pudesse sair esporadicamente e a ela retornar mais tarde, apenas quando tomado por alguma inspiração criadora. Não o é, entretanto. Seus ditames circunscrevem-se a um trabalho vigilante e implacável de experimentação de modos inusitados de pensamento e de ação em sala de aula. Um trabalho que principia e, tantas vezes, se encerra naqueles que, por pura entrega, se incumbem de estranhar as coisas de nosso mundo – também e, sobretudo, as próprias estereotípias do gesto docente.

Daí a vida docente como existência incomensuravelmente exposta em sala de aula; uma exposição cujo despudor, por mais intenso, não consegue evitar certa tragicidade aí imanente: entre professor e aluno, há sempre algo a mais a ser dito. E não o será. É do que deixei de dizer a meus alunos que este livro se ocupa.